

AMAURY DE SOUZA

"Existe uma época para cada coisa e um tempo para cada propósito. Um tempo para plantar e um tempo para colher; um tempo para amar e um tempo para morrer" - e, nos dias de hoje, existe inclusive um tempo para que as pessoas sejam indagadas sobre como gastam o tempo. Disto trata este estudo, baseado no registro detalhado da distribuição dos 1.440 minutos do dia do carioca entre 72 atividades possíveis. Os eventuais méritos desta pesquisa devem, portanto, ser creditados à paciência dos 255 moradores da cidade do Rio de Janeiro que se dispuseram a partilhar conosco o seu cotidiano.¹

O objetivo deste estudo é simples. Cada ser humano recebe, à meia-noite de cada dia, uma nova parcela de 24 horas a serem alocadas para diferentes atividades de sua vida. "O tempo físico", lembra Szalai, "é provavelmente a única coisa igualitariamente distribuída entre os seres humanos, a única coisa da qual todos recebem a mesma quantidade e da qual todos podem gastar o mesmo montante: 24 horas por dia, nem mais, nem menos".² Mas a maneira como cada ser humano gasta sua quota diária, como deve e como pode usar seu tempo, varia consideravelmente, refletindo a estrutura da sociedade a que ele pertence. Esta assimetria entre a oferta fixa e finita de tempo diário e a sua distribuição entre diferentes atividades vitais pode ser melhor compreendida através do artifício de se dividir o fluxo temporal em unidades discretas de alocação. Para um mesmo grupo humano vivendo sob condições similares, pode-se conceber que parte de sua rotina cotidiana se realize dentro de um montante fixo de horas, no sentido de que o uso desta parcela de tempo seja social ou fisiologicamente compulsória. Por exemplo, uma pessoa necessita de seis horas diárias de sono; deve trabalhar oito horas por dia e gastar entre uma e duas horas em viagens entre a casa e o trabalho. As sete ou oito horas restantes constituem o seu tempo livre, parte do qual é re

501.385.2 (1-201)
5729

N.º	180
IUPERJ - BIBLIOTECA	
Data	15. 10. 76

IU-00005902-2

gulado por convenções sociais, tais como obrigações familiares ou de associação, e parte por preferências individuais.³ A questão básica consiste em se saber qual é a relação entre os montantes relativos de tempo alocados para usos social e fisiologicamente compulsórios e para usos discricionários, e é neste sentido que se pode falar do estudo dos orçamentos de tempo da população humana.

Um bom exemplo desta interpretação nos é fornecido pelo estudo de uso do tempo, realizado por Alexander Szalai em uma fábrica nos arredores de Budapeste. Dado o relativo isolamento da fábrica, Szalai observou que o montante de tempo gasto pelos trabalhadores nas viagens diárias entre a casa e o trabalho variava consideravelmente, de um mínimo de 30 minutos a um máximo de cinco horas. Ora, considerada a propriedade de igual distribuição do tempo físico, se mais tempo é gasto em uma certa atividade, menos tempo haverá disponível para outros usos. Na medida em que a jornada diária de trabalho era socialmente fixada em oito horas e meia, o aumento do tempo gasto em transporte só poderia comprimir os montantes de tempo de sono e de lazer. Equivale dizer que, dentro de um mesmo quadro temporal de referência, a duração das várias atividades vitais pode se reduzir ou se expandir até os limites dos gastos de tempo social e fisiologicamente compulsórios. Neste sentido, torna-se possível a análise da elasticidade das atividades cotidianas, isto é, de sua capacidade de expansão ou de contração, dado o volume relativo da parcela fixa de tempo. O ponto a ser enfatizado é que os valores de compressão e de expansão variam largamente entre diferentes atividades e entre diferentes grupos da população.⁴

Estes mesmos valores também variam em função da organização espacial das atividades humanas, como os resultados do estudo de Szalai deixam entrever. Na cidade moderna, dada a separação do local de residência e do local de trabalho e a conseqüente especialização funcional do território urbano, o



00118930000180

As 24 horas do dia do carioc

tempo gasto em transportes torna-se uma parcela fundamental do uso socialmente compulsório das vinte e quatro horas do dia. Não resta dúvida que o tempo gasto em transportes pode ser individualmente manipulado - mas apenas dentro dos estritos limites do orçamento familiar. Pois este gasto de tempo revela, em larga medida, os processos determinantes da localização residencial, os quais, excetuados a oferta de unidades domiciliares, o espaço físico disponível e idiosincrasias individuais, são função dos recursos econômicos da unidade familiar.⁵ E dado que não apenas os locais de trabalho, mas os serviços e até mesmo os centros de lazer tendem progressivamente a migrar para diferentes áreas funcionais, as soluções individuais (exceto a decisão de se confinar indefinidamente à própria residência e retornar a uma forma qualquer de economia natural) se afiguram razoavelmente inconseqüentes.

A máxima aristotélica de que os homens procuram a cidade para a sua própria proteção, mas nela permanecem pela vida melhor, soa estranha aos ouvidos contemporâneos, torturados pelos congestionamentos de tráfego e pela poluição. A organização espacial da vida humana impõe custos diferenciais às pessoas e aos grupos sociais, aumentando ou diminuindo os seus montantes de tempo para usos discricionários e até mesmo determinando a natureza, o custo e a qualidade do lazer que lhes é facultado usufruir. Estas são as variações capturadas pelo estudo de orçamentos de tempo e esta é a contribuição deste instrumento de análise ao planejamento urbano.⁶ Porque a cidade, como quer Deutsch, pode ser melhor concebida como "uma imensa máquina de comunicação, um artefato para aumentar o escopo e reduzir o custo das escolhas individuais e sociais".⁷ A vida melhor ou, para utilizar o jargão moderno, a qualidade da vida urbana ganha, neste contexto, um sentido mais preciso - o da equidade na distribuição de custos e benefícios para a população.

Em suma: a vida melhor pertence à cidade que possibilite à sua população maior acesso ao maior número de modos alternativos de vida. A maneira como a cidade (e, em última instância, a sociedade) impõe gastos diferenciáveis de tempo físico à sua população - restringindo pois o escopo e aumentando o custo de suas escolhas - é uma medida da qualidade da vida que ela pode proporcionar aos que a procuram. É o propósito deste trabalho avaliar em que ponto desta escala se coloca uma metrópole brasileira.

O Uso do Tempo na Guanabara

É dever de honestidade do pesquisador alertar o seu leitor para as potencialidades e limitações dos dados em análise. Para não taxar em demasia o texto e a paciência alheia, a descrição da amostra e dos instrumentos da pesquisa encontra-se encontrada nos apêndices I e II. Entretanto, seria imodesto supor que todos os leitores se lançarão resignados à análise destes textos, ambos de leitura árida. O mínimo de informação necessário para a avaliação dos resultados é o seguinte: (1) a amostra de 255 pessoas é representativa da população adulta, na faixa etária entre 18 e 65 anos, residente na área urbana da Guanabara; (2) os dados foram coletados via entrevista baseada em um questionário e no Diário de Tempo; (3) este Diário de Tempo, modelado à semelhança de um diário de consumo familiar, registrou o tempo gasto em cada uma das atividades empreendidas pelo entrevistado durante as 24 horas do dia imediatamente anterior ao dia da entrevista; (4) para cada uma das 72 atividades possíveis, registrou-se no Diário a sua duração em minutos, a hora de seu início, a ocorrência ou não de outra atividade simultânea, o local e as pessoas em cuja eventual companhia foi realizada a atividade em questão; todas as atividades foram mais tarde agregadas em classes amplas, e (5) os dados foram ponderados para garantir igual representação aos sete dias da semana. Infelizmente, os detalhes operacionais da

agregação e da ponderação dos dados requerem a consulta, por breve que seja, dos apêndices. Finalmente, cabe ressaltar que as tabelas mostram o tempo médio em minutos para as atividades analisadas; caso o leitor prefira pensar em termos de horas e suas frações, consulte a tabela de conversão do apêndice III.

Existem fatores múltiplos que determinam a alocação diferencial de tempo entre diferentes atividades. É óbvio, por exemplo, que uma mulher tem muito maior probabilidade de dispendir 2 horas diárias em tarefas domésticas do que um homem. Por impossível que se afigure a tarefa, há que se tentar distinguir a operação dos fatores pertencentes à organização espacial daqueles outros fatores ancorados na divisão social do trabalho. Para tanto, o caminho mais seguro é analisar de imediato a operação dos fatores mais simples - a estrutura dos orçamentos de tempo entre os sexos e entre os dias úteis e os fins de semana, conforme os resultados da tabela abaixo.

TABELA 1

TEMPO MÉDIO EM MINUTOS POR ATIVIDADE
POR SEXO E DIA DA SEMANA

<u>Atividades Diárias</u>	<u>Dias Úteis</u>			<u>Fim de Semana</u>		
	<u>Homem</u>	<u>Mulher</u>	<u>Total</u>	<u>Homem</u>	<u>Mulher</u>	<u>Total</u>
TRABALHO	281.7	141.1	211.4	145.8	143.4	144.6
SERVIÇO DOMÉSTICO	43.8	255.1	149.4	17.0	174.8	95.9
COMPRAS E AFINS	48.2	36.0	42.1	30.3	12.5	21.4
CUIDADO DE CRIANÇAS	9.7	50.1	29.9	13.0	29.5	21.3
CUIDADOS PESSOAIS	637.4	621.2	629.3	644.6	656.3	650.4
VIAGENS PESSOAIS	77.1	74.2	75.7	78.4	87.6	83.0
ESTUDO/ PARTICIPAÇÃO	46.6	27.7	37.2	8.1	24.3	16.2
COMUNICAÇÃO DE MASSA	150.5	123.1	136.8	114.2	112.4	113.3
ATIVIDADES DE LAZER	151.1	115.0	133.1	390.0	189.3	289.7
Total Ponderado:	(75)	(118)	(194)	(35)	(41)	(77)

A categoria "trabalho" não diz tanto como apresentada, pois o tempo médio foi calculado para toda a população, inclusive os que não trabalham. Mas o dia típico do carioca poderia ser assim descrito: cerca de 3 horas diárias são gastas em trabalho remunerado e outro tanto em tarefas domésticas. Sono, alimentação e higiene pessoal exigem entre 10 e 11 horas do dia. Uma hora e pouco é gasta diariamente em transporte, aí incluídas as viagens para compras, serviços, educação, lazer e acompanhando crianças; a viagem da casa para o trabalho é considerada parcela do tempo gasto em trabalho. Estudos e participação (atividades religiosas e participação em associações voluntárias) demandam uma modesta parcela de menos de 30 minutos diários. Sobre o montante de tempo livre, a ser alocado segundo as preferências e/ou os recursos individuais: cerca de 5 horas e meia por dia, a serem gastas em visitas, conversando, lendo, vendo televisão, praticando esportes ou simplesmente não fazendo nada.

Esta tabela confirma fatos que a observação desarmada já havia registrado há longo tempo. Por exemplo, a leitura da categoria "cuidados pessoais" revela que o fim de semana é usado para recuperar o sono perdido durante a semana, ainda que esta recuperação implique apenas o bonus de uma meia hora extra. O tempo médio alocado para serviços domésticos diminui em cerca de uma hora e vinte minutos, e estudos e participação não exigem mais do que 15 minutos diários do fim de semana. O tempo gasto em transportes urbanos permanece praticamente constante. O tempo de lazer muda abruptamente, deixando o carioca com 2 horas extras diárias durante o sábado e o domingo.

A comparação dos orçamentos de tempo de homens e mulheres ressalta as diferenças mais marcantes desta tabela. Tomemos o orçamento de tempo masculino por padrão: salta aos olhos o fato de que a mulher trabalha em média 2 horas e meia menos do que o homem. Ora, o tempo gasto em transportes é praticamente o mesmo, cuidados pessoais exigem aproximadamente o

mesmo tempo, não obstante o homem dormir em média 15 minutos a mais que a mulher. A questão é óbvia: onde foram alocadas as 2 horas e 20 minutos poupadas ao trabalho feminino? Certamente não foram gastas em lazer, pois a mulher dispõe em média de uma hora a menos do que o homem. Nem em estudos e participação, pois a parcela feminina é quase que a exata metade do gasto de tempo masculino nestas atividades. A resposta está no tempo médio gasto em tarefas domésticas: 4 horas diárias a mais para a mulher, 4 horas diárias subtraídas de seu lazer, de sua educação e de seu trabalho. A tabela deixa claro que o homem deixa quase que exclusivamente a cargo da mulher as tarefas de cozinha, de limpeza da casa e das roupas e a supervisão e educação das crianças, partilhando apenas a tarefa de fazer compras para o domicílio.

É de se esperar que o leitor masculino esteja a dizer a si mesmo a esta altura que tudo isto decorre do fato do homem trabalhar mais tempo do que a mulher. A suposição subjacente a este raciocínio é a de que as taxas de compressão destas atividades sejam invariantes em relação ao sexo. Ou seja: se o homem trabalhasse o mesmo tempo que a mulher, então ele chamaria a si uma parcela proporcional da demanda por tarefas domésticas. A hipótese é atraente, mas dificilmente verdadeira. Dada a importância do sexo na divisão social do trabalho, é mais plausível supor que o tempo assim liberado seja alocado para aquelas atividades cuja demanda se faz clara no exame do orçamento de tempo masculino. Mais lazer, mais educação ou até mesmo um período mais generoso de sono diário. Vamos à Tabela 2, onde é possível fazer esta comparação entre homens e mulheres empregados e não-empregados em trabalho remunerado.

TABELA 2

TEMPO MÉDIO EM MINUTOS POR ATIVIDADE
POR SEXO E EMPREGO

<u>Atividades Diárias</u>	<u>Homem empregado</u>	<u>Mulher empregada</u>	<u>Homem desempregado</u>	<u>Dona de casa</u>
TRABALHO	449.8	260.4	23.3	13.7
SERVIÇO DOMÉSTICO	15.5	172.1	60.8	297.7
COMPRAS E AFINS	44.3	30.4	46.6	30.1
CUIDADO DE CRIANÇAS	11.6	19.8	12.1	73.2
CUIDADOS PESSOAIS	618.1	618.5	665.0	642.9
VIAGENS PESSOAIS	51.1	73.0	107.3	83.6
ESTUDO/ PARTICIPAÇÃO	8.9	30.4	68.9	22.4
COMUNICAÇÃO DE MASSA	112.5	110.5	173.4	133.3
ATIVIDADES DE LAZER	147.1	121.0	277.8	150.6
Total Ponderado:	(87)	(65)	(24)	(95)

Esta tabela permite agora uma comparação mais rigorosa. O novo padrão é o homem empregado. A mulher empregada ainda trabalha em média 3 horas diárias a menos que o seu equivalente masculino. Ambos dormem em média exatamente 10 horas e 18 minutos por dia e dispõem praticamente das mesmas 4 horas e pouco de tempo livre. A mulher empregada gasta 22 minutos a mais em transportes e igual parcela de tempo é por ela dedicada a estudo e participação. Tudo o mais constante, permanece o fato de que 2 horas e meia do dia da mulher empregada são implacavelmente absorvidas em tarefas domésticas ou seja, mais de 80% do tempo liberado pela jornada de trabalho.

Comparemos agora os orçamentos de tempo de homens empregados e de homens fora da força de trabalho. Esta última categoria é predominantemente composta de homens mais idosos e aposentados. Entretanto, aí se encontra uma meia dúzia de jo-

vens estudantes. Os 23 minutos diários dedicados ao trabalho provêm da execução de tarefas eventuais e de biscates, tal como no caso das donas de casa. Digamos então que o homem desempregado disponha de 7 horas diárias a mais que aquele que trabalha. Cabe agora a pergunta: se um homem não trabalha, qual é o uso dado a estas horas extras? A resposta parece ser a de que ele usa mais tempo em todas as outras atividades de sua vida, exceto em tarefas domésticas. Ele dorme uma hora a mais do que homens ou mulheres empregados; ele gasta mais tempo em transportes, e ele estuda mais tempo. Não satisfeito, ele consóme uma hora a mais por dia lendo, vendo televisão e indo ao cinema e outras duas horas extras conversando, fazendo visitas ou simplesmente descansando. Mas ele dedica apenas 49 minutos a mais a tarefas domésticas que o homem empregado - e 1 hora e 42 minutos a menos que a mulher que trabalha fora.

A rotina diária da dona de casa é simples: 25% de seu tempo é gasto em tarefas domésticas e outros 40% dormindo ou se cuidando. Ainda que esta categoria também inclua jovens estudantes, o tempo médio gasto em estudos e participação é menor que o da mulher empregada. Assim, os 35% restantes, um total de cerca de 7 horas, são alocados para usos discricionários. Em suma: a dona de casa típica lava, cozinha e cuida das crianças; vê televisão; conversa com as vizinhas e dorme.

A divisão da semana em dias de trabalho e de descanso compulsórios afeta claramente a estrutura dos orçamentos de tempo. Mas qual é o remanejamento do tempo quando controlamos por sexo e por emprego? Vamos à Tabela 3.

TABELA 3

TEMPO MÉDIO EM MINUTOS POR ATIVIDADE,
POR SEXO, EMPREGO E DIA DA SEMANA

Atividades Diárias	Dias Úteis				Fim de Semana			
	Homem empreg	Mulher empreg	Homem desem	Dona casa	Homem empreg	Mulher empreg	Homem desem	Dona casa
TRABALHO	533.7	285.2	29.8	-----	291.7	216.3	-----	70.4
SERVIÇO DOMÉSTICO	14.2	191.8	73.3	318.3	18.0	136.9	16.0	212.6
COMPRAS E AFINS	37.9	35.7	58.5	36.3	56.5	20.9	4.0	4.1
CUIDADO DE CRIANÇAS	3.9	18.1	15.4	82.1	26.1	22.8	-----	36.3
CUIDADOS PESSOAIS	604.1	606.8	670.6	635.5	644.5	639.1	644.8	673.4
VIAGENS PESSOAIS	41.2	66.8	113.0	81.7	70.0	84.0	86.9	91.1
ESTUJO/PARTICIPAÇÃO	5.1	33.2	88.2	22.2	16.2	25.4	-----	23.2
COMUNICAÇÃO DE MASSA	110.5	106.6	190.5	139.6	116.3	117.4	112.2	107.4
ATIVIDADES DE LAZER	97.8	93.6	204.5	136.4	240.0	169.6	540.1	209.1
Total Ponderado:	(56)	(41)	(19)	(77)	(30)	(23)	(5)	(18)

Analisemos em primeiro lugar os homens e mulheres empregados. Nos dias úteis da semana, a semelhança dos seus respectivos orçamentos de tempo é notável. Praticamente o mesmo montante de tempo é alocado para todas as atividades, exceto serviço doméstico, viagens pessoais e estudo e participação: 10 horas diárias de sono e cuidados pessoais; cerca de 1 hora e 45 minutos para a comunicação de massa, e 1 hora e meia para outras atividades de lazer. As 4 horas diárias de trabalho poupadas à mulher são novamente realocadas para tarefas domésticas, e é digno de nota o montante ínfimo de tempo que o homem dedica a crianças durante a semana: o contato mais prolongado entre pai e filhos limita-se ao sábado e ao domingo. A semelhança dos respectivos perfis de uso do tempo pode ser também observada no fim da semana: 10 horas e meia de sono e cuidados pessoais; 1 hora e meia em transportes urbanos; quase 2 horas de consumo de comunicação de massa, e pouca diferença no tempo dedicado a estudos e a participação. O diferencial de tempo de trabalho é agora sensivelmente menor, da ordem de 1 hora e 15 minutos: mas quer nos dias úteis, quer no fim de semana, o tempo poupado à mulher é automaticamente absorvido pelas tarefas domésticas. Entretanto, não há como deixar de reconhecer a importância da participação da mulher na força de trabalho como um dos fatores determinantes de uma divisão mais igualitária dos encargos domésticos.⁸ Basta comparar as 4 horas dedicadas por mulheres empregadas durante os dias úteis às 7 horas diárias da dona de casa.

A rotina semanal da dona de casa permanece inalterada: 10 horas e meia de cuidados pessoais; 7 horas e pouco de tarefas domésticas, e cerca de 4 horas e meia de lazer. E o restante é absorvido em transportes. Curiosamente, o fim de semana traz uma diversificação desta rotina: uma hora de trabalho extra e uma hora a mais de sono; 3 horas a menos cuidando da casa e, principalmente, o abandono da televisão em favor da vida social.

O comportamento do homem desempregado é quase cômico pelo caráter drástico das realocações do tempo entre os dias úteis e o fim de semana. De segunda a sexta-feira, ele dedica quase 2 horas e meia a tarefas domésticas, responsabilizando-se fundamentalmente pelas compras para o domicílio; no fim de semana, esta parcela de tempo cai para 20 minutos. Dorme e viaja mais tempo que o restante da população. Nos dias úteis, ele tem em mãos 6 horas e meia de tempo livre, três das quais são gastas vendo televisão. O sábado e o domingo altera por completo esta rotina: a televisão é quase que abandonada e eles saem às ruas, gastando uma notável média de 9 horas diárias em conversas, passeios e descanso! Sobra uma classe de atividades de difícil interpretação - o diferencial de tempo dedicado a estudos e participação entre dias úteis e fim de semana. A média semanal de 1 hora e 28 minutos cai para zero no sábado e no domingo. O exame detalhado das atividades componentes desta classe mostra claramente o peso do tempo dedicado a estudos, tempo este imediatamente realocado mal termina a sexta-feira; mas temos aí também cerca de 15 minutos diários dedicados a rezar ou ir à igreja ou templo, uma religiosidade que desaparece no fim de semana exatamente quando ela aumenta para os demais grupos. Não fosse o número ínfimo de casos e caberia a suspeita de que ele tenha transformado em viés de entrevista a provável argumentação familiar sobre o uso do seu tempo!

Os Custos da Vida Urbana: Serviços e Transportes

O planejador urbano dificilmente poderá chamar a si a tarefa de equalização da divisão social do trabalho. Mas o estudo do uso do tempo identifica pelo menos três fatores, pertencentes à economia-espço da cidade, passíveis de certa manipulação via planejamento. O fator fundamental é a organização dos transportes urbanos, inclusive o desenho e a capacidade da rede viária. Os diferenciais de acessibilidade, especialmente

entre a casa e o trabalho, adicionam o custo do tempo assim gasto ao custo monetário do transporte - na verdade são poucas as atividades produtivas que podem ser empreendidas dentro de um ônibus.⁹ A inspeção mais atenta das tabelas apresentadas mostra que o carioca gasta, em média, 1 hora e 43 minutos diários viajando dentro da cidade ou seja, cerca de 12 horas por semana. O segundo fator tem a ver com a organização e a localização dos serviços, inclusive comércio e educação. Existe uma óbvia superposição entre este fator e o fator transportes, mas há que se ter em conta que a acessibilidade não é o determinante único do tempo gasto nestas atividades. A duplicação do tempo gasto em filas para compras na União Soviética nos últimos 35 anos exemplifica a importância da eficiência no atendimento para os orçamentos de tempo da população urbana.¹⁰ A manipulação destes dois primeiros fatores visa poupar tempo, na suposição de que ele seja alocado para atividades menos exasperantes que tomar uma condução ou esperar em filas. O terceiro fator, portanto, é a organização do lazer, dado ser crença irredutível das utopias urbanas que o tempo poupado pela maior eficiência da máquina urbana será automaticamente alocado para a satisfação das idiossincrasias individuais. Na verdade, o tempo ganho à cidade raramente é alocado em atividades de lazer. A razão é simples: a elevação do nível de consumo exige a elevação do nível de renda e isto implica em que o tempo de trabalho também se eleve.¹¹ A comparação de estudos sobre orçamentos de tempo nos Estados Unidos e na União Soviética ao longo dos últimos 30 ou 35 anos confirma que a parcela de tempo discricionário se manteve inalterada, apesar da diminuição da jornada oficial de trabalho e das inovações tecnológicas. O que existe nas sociedades industriais não é tanto o "problema do lazer", mas o "problema do consumo", um fato que em nada altera a necessidade de diversificação e qualidade das opções que a cidade oferece para o uso do tempo discricionário de sua população.

Já sabemos qual a magnitude da parcela de tempo que o transporte urbano exige dos orçamentos de tempo da população. É conveniente analisar em maior detalhe os componentes desta parcela de tempo: a Tabela 4 contém as médias de tempo gasto em cinco tipos de viagens intra-metropolitanas, classificadas segundo o seu objetivo. Aí também se encontram as médias de tempo gasto em compras de alimentos e de outros bens e serviços; a categoria "Outras compras" inclui compras de bens duráveis, serviços pessoais, médico-dentários e administrativos. Para cada viagem e para cada atividade de consumo de bens e serviços foi computado o tempo gasto esperando em filas.

A Tabela 4 não requer maiores explicações, a não ser que se queira afirmar o óbvio: no fim de semana, gasta-se menos tempo em todos os tipos de viagem, exceto as viagens para lazer. O que o bom senso não prevê é que nos dias úteis e no fim de semana a população gasta praticamente o mesmo tempo esperando condução, cerca de 7% do tempo total dedicado ao transporte urbano. Cabe ainda mencionar que as médias de tempo gasto em viagens para serviços por homens desempregados inclui as viagens para centros educacionais empreendidas pelos estudantes que se encontram neste grupo.

A metade inferior da tabela apresenta os resultados para as atividades de consumo de bens e serviços. Como existe o domingo, não deve causar espêcie a redução do tempo médio dedicado a compras no fim de semana. Mas é notável o tempo médio gasto em esperas para atendimento em serviços: 23% do tempo total dedicado ao consumo de bens e serviços nos dias úteis e 27% no fim de semana, proporções que não depõem muito a favor da eficiência da prestação de serviços na cidade. Entretanto, a avaliação da magnitude destes custos, impostos pela ineficiência dos transportes e dos serviços, terá que ser retomada mais adiante.

TABELA 4

TEMPO MÉDIO EM MINUTOS POR TIPOS DE VIAGEM E POR CONSUMO DE BENS E SERVIÇOS

Viagens para:	Dias Úteis				Fim de Semana					
	Homem empreg	Mulher empreg	Homem desem	Dona casa	Homem empreg	Mulher empreg	Homem desem	Dona casa	Total	
TRABALHO	74.4	39.7	10.8	-----	31.3	37.2	22.7	-----	22.8	26.8
COMPRAS	7.7	22.8	12.2	14.7	14.2	4.3	15.8	3.8	5.5	8.1
SERVIÇOS	12.3	22.0	57.5	25.6	24.1	7.3	4.4	36.7	4.9	7.9
LAZER	11.7	11.5	30.6	27.7	19.9	52.1	53.7	46.3	73.1	57.2
ACOMPANHANDO CRIANÇAS	.3	2.0	2.3	10.7	4.9	-----	-----	-----	5.3	1.3
ESPERAS DE CONDUÇÃO	9.2	8.3	10.3	2.8	6.6	6.2	10.1	-----	2.2	6.0
<u>Médias:</u>					<u>101.1</u>					<u>107.3</u>
<u>Compras de:</u>										
ALIMENTOS	5.9	11.9	15.1	10.6	9.9	6.3	4.2	3.8	5.3	5.2
OUTROS BENS E SERVIÇOS	11.2	29.4	37.1	24.3	22.9	16.2	17.6	-----	2.3	12.2
ESPERAS PARA COMPRAS	.1	-----	-----	4.0	1.6	7.2	-----	-----	1.2	3.0
ESPERAS PARA SERVIÇOS	3.9	9.3	7.4	5.7	6.1	4.6	-----	-----	.3	1.8
<u>Médias:</u>					<u>40.5</u>					<u>22.2</u>

Total Ponderado: 271

Existe um "Problema do Lazer" na Cidade?

Esta pergunta soa exdrúxula, face à reputação de "capital do turismo" de que desfruta o Rio de Janeiro - mas a observação impressionística nem sempre é o melhor instrumento para se conhecer a vida social. A Tabela 5 mostra a estrutura real do lazer do carioca.

Existem múltiplas variações nesta tabela. Observa-se de imediato que o tempo médio dedicado à comunicação de massa é reduzido no fim de semana em favor de atividades menos passivas de lazer. Mas analisemos melhor a metade superior desta tabela. As seguintes inferências podem ser feitas: os homens dedicam mais tempo à leitura do que as mulheres em qualquer dia da semana; o rádio é um meio de comunicação de massa preferido nos dias úteis e quase que abandonado no fim de semana, enquanto o contrário se dá com o cinema. Mas tudo isto é razoavelmente irrelevante frente ao que todos percebem de imediato nestes dados: o papel dominante da televisão no total de tempo dedicado à comunicação de massa. Nos dias úteis, a televisão absorve uma média de 1 hora e 45 minutos diários - 81% do tempo total para a comunicação de massa e 42% de todo o momento de tempo livre diário. No fim de semana, uma média de 1 hora e 32 minutos e as proporções respectivas de 80% e 27%. Como observado em outros países, poucas atividades de lazer conseguem manter a sua quota de tempo frente à televisão.

Analisemos agora a metade inferior da tabela. Nos dias úteis, três atividades absorvem 84% do tempo discricionário: conversar com amigos e familiares, descansar (sem dormir e sem empreender qualquer outra atividade, isto é, ficar a rigor sem fazer nada) e visitar ou receber visitas de amigos ou familiares. No fim de semana, estas três atividades ainda absorvem 78% do tempo livre.

TABELA 5

TEMPO MÉDIO EM MINUTOS GASTOS EM
COMUNICAÇÃO DE PASSA E ATIVIDADES DE LAZER

Comunicação de Massa	Dias Úteis				Fim de Semana				Total	
	Homem empreg	Mulher empreg	Homem desem	Dona casa	Total	Homem empreg	Mulher empreg	Homem desem		Dona casa
TELEVISÃO	80.8	84.1	126.7	129.0	105.1	87.4	114.5	64.8	77.4	91.6
JORNAIS	12.4	3.2	30.0	1.3	7.8	10.3	-----	41.6	4.1	7.9
RÁDIO	6.8	8.3	9.8	3.7	6.2	7.5	1.8	-----	-----	3.5
REVISTAS	2.9	6.5	3.2	4.6	4.4	1.1	1.1	5.8	9.2	3.3
LIVROS	7.3	-----	13.6	.8	3.8	-----	-----	-----	.8	.2
CINEMA	-----	4.3	7.1	-----	1.6	9.9	-----	-----	15.7	7.6
					<u>129.0</u>					<u>114.1</u>
<u>Média:</u>										
<u>Atividades de Lazer</u>										
CONVERSAR	46.4	43.0	91.4	46.6	50.2	77.8	90.0	199.4	89.1	92.8
DESCANSAR	14.3	15.9	72.1	42.1	31.4	79.2	31.9	85.3	26.2	52.7
VIDA SOCIAL DOMÉSTICA	20.4	23.2	15.7	21.8	21.1	49.7	15.8	17.4	32.9	33.2
OUVIR DISCOS, ETC	.5	3.2	6.2	11.2	5.9	5.1	7.1	14.3	23.2	10.7
PASSEIOS AO AR LIVRE	1.6	1.7	7.9	9.5	5.4	5.5	5.3	60.6	5.3	9.3
VIDA SOCIAL EXTERNA	8.0	4.7	-----	2.3	4.2	15.9	7.1	-----	32.1	16.1
PRATICAR ESPORTES	3.1	1.0	11.0	.1	2.3	6.4	-----	-----	-----	2.5
IR À PRAIA	3.2	-----	-----	2.7	2.0	-----	12.1	118.5	-----	11.9
					<u>122.5</u>					<u>229.2</u>
<u>Média:</u>										

Total Ponderado: 271

Isto equivale a dizer que a maior parte do tempo livre do carioca é empregada em atividades de natureza passiva e realizadas dentro do lar. Nos dias úteis, 83% do seu lazer se resume a ver televisão, conversar com amigos e familiares e descansar, proporção esta que se reduz para 79% no fim de semana. Apenas cerca de 20% de seu tempo livre é dedicado a sair com amigos, ir à praia, praticar esportes, fazer excursões, passear pelas ruas olhando vitrines, ouvir discos, colecionar coisas, atividades artísticas, hobbies, ir ao teatro, assistir concertos, visitar museus ou assistir competições esportivas.

"Se o automóvel revolucionou a dimensão espacial da vida", lembra John Robinson, "foi a televisão que transformou a sua dimensão temporal".¹² Introduzida no Brasil nos anos 50, a televisão se transformou rapidamente em um dos principais, senão o dominante meio de comunicação de massa. A comparação destes resultados com os de pesquisa realizada no Rio de Janeiro há oito anos atrás mostra claramente o remanejamento da audiência em favor da televisão.¹³ A Tabela 6 apresenta evidência a respeito.

TABELA 6
EXPOSIÇÃO À COMUNICAÇÃO DE MASSA
NA GUANABARA, 1966 - 1973

<u>Grau de Exposição</u>	<u>Rádio</u>		<u>Cinema</u>		<u>Televisão</u>	
	<u>1966</u>	<u>1973</u>	<u>1966</u>	<u>1973</u>	<u>1966</u>	<u>1973</u>
ALTO	49%	45%	6%	17%	50%	57%
MÉDIO	45	39	56	27	27	26
BAIXO	6	16	38	56	23	7
<u>Totais:</u>	(584)	(255)	(584)	(255)	(584)	(255)

Estes resultados se tornam mais claros se analisamos as mudanças no grupo que menos se expõe à comunicação de massa. Vemos então que este grupo passou de 6 para 16% no caso do rádio, e de 38 para 56% no caso do cinema - mas diminuiu de 23 para 7% no caso da televisão.

Não há porque supor que estas preferências pelo lazer sedentário e doméstico não se transformem quando confrontadas com novas condições e novas oportunidades para um melhor uso do tempo discricionário. A análise da estrutura do lazer do carioca sugere, no mínimo, que estas novas oportunidades ainda estão por ser criadas.

A Qualidade de Vida na Guanabara

Em que ponto de uma escala de qualidade de vida se coloca a cidade do Rio de Janeiro? Avaliados isoladamente, os dados desta pesquisa podem resultar em conclusões ditadas pelas preferências subjetivas de cada leitor. Muitos podem concordar com o argumento de que ver televisão, conversar com familiares e descansar talvez não seja o melhor uso que se possa fazer do tempo discricionário, se se entende por lazer um conjunto de atividades que se empreenda em benefício do desenvolvimento pleno do talento e da personalidade humana. Mas como determinar, por exemplo, a parcela exata a ser gasta com transportes urbanos?

A comparação do uso do tempo que se faz no Brasil e em doze outros países não é a melhor resposta a esta indagação, mas certamente contribue para uma avaliação mais sóbria dos resultados da pesquisa. A Tabela 7 foi montada com dados coletados pelo Projeto Internacional de Orçamentos de Tempo, realizado em 1966 sob a direção de Alexander Szalai.¹⁴

TABELA 7

TEMPO MÉDIO EM MINUTOS GASTO EM NOVE CATEGORIAS DE ATIVIDADES DIÁRIAS NO BRASIL (1973) E EM DOZE OUTROS PAÍSES (1966)

ATIVIDADES DIÁRIAS	Alemanha Ocidental	Alemanha Oriental	Belgica	Brasil	Bulgaria	Checoslovaguia	Estados Unidos	Franga	Hungria	Inglaterra	Fern	Polonia	U.R.S.S.
TRABALHO	234	310	287	215	404	337	266	276	374	311	251	334	371
SERVIÇO DOMÉSTICO	167	206	145	155	100	172	142	162	164	188	172	160	131
COMPRAS E AFINS	42	32	29	36	45	41	45	39	58	81	17	33	39
CUIDADO DE CRIANÇAS	25	45	17	35	17	31	32	40	30	29	23	34	35
CUIDADOS PESSOAIS	665	600	649	631	617	604	620	661	599	592	643	595	583
VIAGENS PESSOAIS	25	25	30	73	42	27	50	31	29	36	53	38	55
ESTUDO/PARTICIPAÇÃO	22	23	25	24	18	25	28	19	20	24	42	31	46
COMUNICAÇÃO DE MASSA	112	108	131	125	73	116	134	91	85	80	87	120	113
ATIVIDADES DE LAZER	148	91	128	153	116	87	123	121	81	99	152	95	67
<u>Total Tempo Livre</u>	300	233	297	302	231	240	304	246	200	221	309	263	247
<u>Total Viagens</u>	57	60	56	103	89	62	78	58	75	78	90	78	88
TOTAL EM MINUTOS	1440	1440	1441	1446	1438	1440	1440	1440	1440	1440	1440	1440	1440

Os resultados para os demais países foram extraídos de Szalai et alii (1973), incluindo-se no quadro acima apenas as amostras de cidades maiores. Para uma explicação das categorias de atividades diárias, consulte-se o Apêndice II.

Talvez a melhor maneira de analisar esta tabela seja comparar as médias de uso do tempo entre o Brasil e o conjunto dos doze países. Começemos por eliminar as categorias de atividades cujas diferenças de médias são ínfimas: serviço doméstico, compras e afins, cuidado de crianças, estudo e participação e até mesmo cuidados pessoais, apesar de dormirmos 12 minutos a mais em média do que as demais populações analisadas. Sobram quatro categorias, uma das quais está sublinhada na tabela: o tempo gasto em viagens. A eficiência dos transportes urbanos na Guanabara pode ser desde já avaliada - gastamos em média 36 minutos diários a mais do que as populações das áreas metropolitanas dos demais países.

Resta ressaltar que trabalhamos em média 1 hora e meia a menos e dispomos de mais de uma hora extra de lazer. Viajamos mais, trabalhamos menos e dispomos de mais tempo discricionário - é lícito portanto concluir que ocupamos uma posição privilegiada na escala? A resposta pode ser negativa, mas para que seja uma resposta compreensível é necessário concordarmos em umas tantas definições. Até aqui, falamos do tempo como tendo um valor intrínseco, passível de poupança ou de alocação; mas o tempo não envolve necessariamente uma dimensão de escassez que lhe dê tal valor intrínseco. "O tempo é um recurso escasso", diz Heirich, "somente se alguém percebe usos alternativos para ele".¹⁵ Esta é a razão de irrelevância do tempo nas sociedades mais pobres e mais atrasadas, cuja produtividade é tão baixa que incrementos no uso de parcelas do tempo não resultam em nada. Nestas sociedades, é obviamente racional deixar para amanhã o que se pode fazer hoje.

A formulação mais geral deste argumento reza que a escassez relativa de um bem é determinada pela relação a sua oferta e a sua demanda. O tempo pode ser alocado em trabalho, com vistas a gerar um fluxo de renda que permita o consumo de diferentes bens. Mas o tempo também é usado no consumo destes

bens: como acentua Linder, o prazer de saborear um cafezinho ou de assistir um bom teatro só existe se dedicarmos tempo a desfrutá-lo.¹⁶ Podemos pois conceber que cada bem consumido tenha um "preço total" que seja o somatório de seu "preço monetário" e de seu "preço de tempo". Este "preço de tempo" é o produto do tempo requerido para consumir uma unidade do bem em questão vezes a renda do consumidor.¹⁷ Com o desenvolvimento econômico e a conseqüente elevação da produtividade média, aumenta o retorno do tempo gasto em trabalho - mas também aumenta o montante de bens de consumo e de serviços a serem desfrutados por unidade de tempo. O resultado final, no que diz respeito tanto ao trabalho quanto ao consumo, é a crescente escassez do tempo. Agora o trabalho requer mais tempo para gerar mais renda, necessária para consumir um maior número de bens em menor período de tempo - o lazer se torna uma atividade hética e não há mais o "tempo para cem indecisões, para cem visões e revisões antes de tomar o chá com torradas", de que falava T.S. Elliot. Pois, se demormos a saborear o chá, ganharemos dinheiro suficiente para comprá-lo? E depois por que tomar chá se podemos ir ao cinema?

O problema é que o desenvolvimento econômico não gera automaticamente uma distribuição mais igualitária da renda. A se crer em dados recentes, o resultado pode ser uma maior desigualdade na distribuição da renda, como exemplificado pela região metropolitana do Grande Rio. O subemprego e os baixos níveis de remuneração de grande parte de seus habitantes determinam, dentro de uma mesma área, diferentes perfis de demanda pelo tempo diário de que todos dispõem. O tempo é escasso para os que têm renda mais elevada, e os que não a têm são obrigados a suportar a indolência. Pois, por definição, a indolência é o tempo gasto sem quaisquer outros bens de consumo.¹⁸ É verdade que estas pessoas poderiam aumentar o tempo dedicado ao trabalho e assim gerar o fluxo de renda requerido para

transformação da indolência em lazer. Mas este argumento soa quase malicioso, em se tratando de parcelas da população com baixa ou nenhuma educação, sem maiores qualificações profissionais e, em geral, empregadas na prestação de serviços de baixíssima produtividade e de demanda razoavelmente inelástica. Para eles, trabalhar mais pode ser uma forma de preencher o tempo (rigorosamente) livre de que dispõem, desde que não o façam com a expectativa de ganhos substanciais.

Infelizmente, tudo isto é confirmado pelos dados da última tabela a ser discutida neste trabalho. A Tabela 8 apresenta as médias de tempo gasto diariamente em nove categorias de atividades, por dia da semana e por ocupação do entrevistado, incluindo pois apenas os que trabalham. A categoria "Profissionais" inclui o grupo de renda e de educação mais alta, e é composta pelos profissionais liberais, diretores ou proprietários de grandes empresas, etc. No outro extremo, temos os "Manuais Não-Especializados", a categoria de menor renda e onde se encontra a maior proporção de analfabetos: aqui predominam as empregadas domésticas, as lavadeiras e os faxineiros.

Analisemos primeiro a categoria trabalho. Nos dias úteis, os profissionais trabalham, em média, mais tempo que os demais grupos, gerando um fluxo de renda que lhes permite trabalhar menos no fim de semana. Este mesmo fluxo de renda também lhes possibilita transferir para terceiros os encargos do serviço doméstico e do cuidado de crianças; gastar menos tempo em compra de bens e serviços, provavelmente pois melhor localização de suas residências; dedicar boa parte do tempo gasto em viagens pessoais para viagens para lazer durante toda a semana e, sobretudo, alocar a maior parcela de tempo dentre todos os grupos para estudos, com vistas a aumentar o seu fluxo futuro de renda. Os outros não-manuais cumprem o expediente normal da semana inglesa e tentam, no tempo que lhes é facultado pelos encargos domésticos que o seu nível de renda torna

TABELA 8

TEMPO MÉDIO EM MINUTOS POR ATIVIDADE
PARA TRABALHADORES POR OCUPAÇÃO E DIA DA SEMANA

Atividades Diárias	Dias Úteis			Fim de Semana			
	Profis- sionais	Outros não- manuais	Manuais espec.	Profis- sionais	Outros não- manuais	Manuais espec.	Manuais não-esp
TRABALHO	480.6	475.9	464.2	113.5	330.1	403.6	159.3
SERVIÇO DOMÉSTICO	4.5	32.7	90.1	42.1	31.2	49.0	154.3
COMPRAS E AFINS	17.1	41.7	49.2	58.6	69.8	4.2	40.1
CUIDADO DE CRIANÇAS	1.8	14.1	10.5	8.4	2.6	---	85.4
CUIDADOS PESSOAIS	609.2	611.2	598.0	704.3	667.9	580.0	617.8
VIAGENS PESSOAIS	50.4	30.1	56.1	154.1	54.3	58.0	52.6
ESTUDO/PARTICIPAÇÃO	42.4	19.3	8.2	49.5	26.0	---	11.2
COMUNICAÇÃO DE MASSA	127.3	119.1	91.6	90.5	108.7	137.1	128.5
Televisão	102.7	92.6	81.7	85.8	93.9	122.7	101.2
ATIVIDADES DE LAZER	116.9	98.6	80.7	193.8	148.8	256.9	251.2
Conversar	19.7	60.4	38.2	59.9	70.9	116.7	96.9
Descansar	1.1	15.2	22.6	17.9	20.2	65.9	154.3
Proporção	18 %	77 %	75 %	40 %	61 %	71 %	100 %

Total Ponderado: 147

mais difíceis de transferir, o caminho para maiores ganhos no futuro via educação. Os trabalhadores manuais especializados fazem do fim de semana dois outros dias úteis para o trabalho, beneficiando-se de sua posição de minoria privilegiada em um mercado ávido da produção, manutenção e reparação de bens de consumo. O peso dos encargos domésticos continua a aumentar em proporção inversa à renda gerada e só a modesta média de 8 minutos diários pode ser gasta em educação. Os manuais não-especializados, finalmente, reconhecem que o aumento do seu tempo de trabalho só contribuiria para tornar mais penosas e não menos pobres as suas vinte e quatro horas do dia. O tempo por eles gasto em trabalho no fim de semana representa apenas 48% da sua média semanal, em claro contraste com as proporções de 87% para os manuais especializados e 69% para os outros trabalhadores não-manuais. Este é o grupo que mais tempo dispense em encargos domésticos: uma média de cerca de 4 horas e meia diárias contra, por exemplo, a média de pouco mais de uma hora para o grupo de profissionais. A composição do grupo de trabalhadores manuais não-especializados contribui muito para este resultado: 61% de mulheres contra, por exemplo, 32% no grupo de profissionais. Equivale dizer que, neste grupo, as desigualdades de renda e da divisão familiar do trabalho se combinam para produzir o mais árido dos orçamentos de tempo. Mas a carga de tarefas domésticas, neste grupo predominantemente feminino, não é a razão principal de sua resistência ao aumento da carga de trabalho. Basta compararmos o total de tempo discricionário (inclusive o tempo dedicado a estudos e religião) de que dispõem os manuais não-especializados e os profissionais: nos dias úteis, a vantagem de uma hora e meia a mais cabe ao grupo de mais alta renda. No fim de semana, entretanto, a vantagem de cerca de uma hora pendente para os manuais não-especializados.

Qual o uso que estes grupos fazem de seu tempo dis-
cricionário? O consumo da comunicação de massa tem uma distribuição
exatamente inversa entre os quatro grupos ocupacionais
durante os dias úteis e durante o fim de semana: de segunda a
sexta-feira, os profissionais detêm a maior média de tempo gas-
to nestas atividades, média esta que passa às mãos dos manuais
não-especializados no sábado e domingo. E o mesmo é verdade
para as demais atividades de lazer, embora as diferenças não
sejam tão acentuadas. As variações nas médias de tempo gasto
vendo televisão entre os grupos são extremamente interessan-
tes: o tempo gasto nesta atividade pelos profissionais repre-
senta cerca de 90% do tempo total dedicado à comunicação de
massa, proporção está que se reduz para 63% entre os manuais
não-especializados, trazendo à mente o argumento de Linder de
que o aumento da renda e a conseqüente realocação do tempo re-
sultam na redução da demanda por atividades de lazer que re-
queiram mais tempo de consumo, tal como ir ao cinema.¹⁹

Aumentando a renda, aumenta o volume de bens e, por-
tanto, a demanda de tempo para o seu consumo. Dado que a ofer-
ta de tempo é fixa e que o aumento da renda também demanda
mais tempo de trabalho, Linder conclui que a melhor maneira de
maximizar a satisfação gerada pelo tempo usado em consumo é au-
mentando o número de bens consumidos por unidade de tempo alo-
cado. A Tabela 8 mostra que "conversar" e "descansar", as duas
atividades discricionárias que não requerem o consumo de bens
para o seu desfrute, representam 84% do tempo médio diário de-
dicado ao lazer pelos trabalhadores manuais não-especializa-
dos; 73% do tempo gasto pelos manuais especializados; 69% do
tempo gasto pelos outros trabalhadores não-manuais, e apenas
29% do total de tempo alocado pelos profissionais para as ati-
vidades de lazer. Podemos até concordar em que conversar e
descansar são atividades mais importantes para o ser humano do
que tentar gastar o tempo livre correndo de uma regata para a
fotografia e daí para a aula de ginástica com vistas a uma en-

trada triunfal na boite. Mas teremos igualmente de concordar em que o convívio dos familiares e a contemplação são atividades de máxima importância quando resultam de uma escolha e não de uma imposição.

A resposta à questão sobre a qualidade de vida metropolitana se torna, por isto mesmo, problemática. Viajamos mais, trabalhamos menos e dispomos de mais tempo discricionário na Guanabara. Nem todos nós. A desigualdade na distribuição da renda sugere que uma parcela razoável da população é forçada à indolência e, ainda assim, gasta mais tempo em viagens porque a sua localização residencial e a oferta do transporte urbano não lhe deixam alternativas. Se fazemos fé na proposta inicial de que a vida melhor pertence à cidade que possibilite à sua população maior acesso ao maior número de modos alternativos de vida, seremos levados a concluir que a qualidade de nossa vida urbana é deveras pobre.

NOTAS

1. Outras pessoas e instituições fazem jus a igual parcela de reconhecimento pelos seus esforços e pelo seu apoio. Vera Wrobel tomou a seu cargo a assistência e administração da pesquisa, e o sucesso deste empreendimento seria inconcebível sem a sua participação. A sua expediência e cordialidade transformaram este estudo em uma genuína atividade de lazer - um trabalho cujo objetivo intrínseco foi a nossa própria diversão e amadurecimento intelectual. Marcus Figueiredo e Maria Izabel de Carvalho deram uma contribuição crucial na seleção da amostra de setores censitários; Marcus ainda se responsabilizou pela gravação dos dados em fita. Sou grato a ambos pelo apoio e pelo convívio ao longo de quatro anos de trabalho em diferentes projetos. O Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro proporcionou a base institucional para a realização desta pesquisa, cujo financiamento proveio de uma dotação do Consórcio de Estudos Urbanos da Fundação Ford. A citação que abre o primeiro parágrafo vem do Eclesiastes, 3, I.
2. Alexander Szalai, "Differential Evaluation of Time Budgets for Comparative Purposes", in Richard L. Merritt e Stein Rokkan (orgs.); Comparing Nations: The Use of Quantitative Data in Cross-National Research, New Haven: Yale University Press, 1966, p. 239.
3. Uma discussão mais detalhada destas idéias pode ser encontrada em meu artigo "O Uso do Tempo como Medida da Qualidade da Vida Urbana", Revista de Administração Pública, 6 (1), 1972, pp. 51-75.
4. Alexander Szalai, The Twenty-four hours of the Day, Budapeste: Escritório Central Húngaro de Estatística, 1965.

5. Esta questão é discutida no trabalho escrito por mim e Iza^ubel Valladão, A Separação Casa-Trabalho: Fatores e Conseqüên-^ucias, documento de trabalho publicado em 1970 pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro.

6. Esta proposta de colaboração inter-disciplinar foi inicial^umente formulada por Richard L. Meier, "Human Time Allocation: A Basis for Social Accounts", Journal of the American Institu-^ute of Planners, 15 (1), 1959, pp. 27-33. Ver também a este respeito Gerald A. Gutenschwager, "The Time-Budget Activity-^uSystems Perspective in Urban Research and Planning", Journal of the American Institute of Planners, 39 (6), 1973, pp. 378-387; Thomas L. Burton, Experiments in Recreation Research, New Jersey: Rowman and Littlefield, 1971, e F. Stuart Chapin Jr., Urban Land Use and Planning, Urbana: University of Illinois Press, 1965.

7. Karl W. Deutsch, "On Social Communication and the Metropo-^ulis", in Lloyd Rodwin (org.), The Future Metropolis, Londres: Constable and Co., 1960.

8. Este argumento é desenvolvido por Michael Young e Peter Willmott em The Symmetrical Family, New York: Pantheon Books, 1973. Estes autores propõem que a crescente disponibilidade de inovações tecnológicas transforma o lar no centro da vida social do homem, ao mesmo tempo em que a redução do tamanho mé-^udio da família e a difusão de valores igualitários induzem a maior participação da mulher na força de trabalho. O resulta-^udo destas mudanças - trazendo o homem para dentro da família e levando a mulher para fora - seria a crescente simetria entre os papéis de marido e mulher e uma divisão mais equânime das responsabilidades domésticas.

9. Ver o trabalho de Robert H. Nelson, "Accessibility and Rent: Applying Becker's 'Time Price' Concept to the Theory of Residential Location", Urban Studies, 10, 1973, pp. 83-86. Sebastian de Grazia inclusive sugere que a diminuição da jornada semanal de trabalho no futuro poderá ser muito mais devida à demanda por tempo adicional para as viagens entre a casa e o local de trabalho do que à demanda por mais tempo de lazer. Cf. "The Problems and Promises of Leisure", in William R. Ewald Jr. (org.), Environment and Policy: The Next Fifty Years, Bloomington: Indiana University Press, 1968, p. 115.
10. Estes resultados foram transcritos em meu artigo, "O Uso do Tempo...", op. cit., p. 68.
11. A formulação teórica deste argumento encontra-se em Stefan B. Linder, The Harried Leisure Class, New York: Columbia University Press, 1970. Uma formulação mais pitoresca, mas não menos exata, é a estória daquele homem de negócios dizendo ao outro enquanto correm pelo centro da cidade: "Estou trabalhando tanto que estou me matando e destruindo a minha família, mas estou ganhando tanto dinheiro que posso me dar a este luxo", conforme relatada por Roland N. Mc Kean, "Spillovers from the Rising Value of Time", Quarterly Journal of Economics, 9, 1973, p. 638.
12. John N. Robinson, "Social Change as Measured by Time Budgets", Journal of Leisure Research, 1 (1), 1969, p. 77.
13. Trata-se de pesquisa realizada em 1966 junto a 584 chefes de família residentes na área urbana da Guanabara e dirigida em colaboração com Aspásia A. Brasileiro e Vilmar Faria. A descrição deste projeto encontra-se em meu artigo, "Exposição aos Meios de Comunicação de Massa no Rio de Janeiro: Um Estudo Preliminar", Dados, 4, 1968, pp. 145-168.

14. Alexander Szalai e outros, The Use of Time: Daily Activities of Urban and Suburban Populations in Twelve Countries, The Hague: Mouton, 1973.
15. Max Heirich, "The Use of Time in the Study of Social Change", American Sociological Review, 29 (3), 1964, p. 387.
16. Linder, op. cit., p. 3.
17. Gary S. Becker, "A Theory of the Allocation of Time", Economic Journal, 1965, pp. 493-517.
18. Linder, op. cit., p. 16.
19. Linder, op. cit., pp. 97 e seguintes.

APÊNDICE I

A SELEÇÃO DA AMOSTRA

Esta pesquisa se baseia na entrevista de uma amostra probabilística, de base geográfica e selecionada em estágios múltiplos, da população de 18 a 65 anos de idade residente na área urbana do Estado da Guanabara, na proporção de 1/10.000 habitantes. As rotinas de seleção tiveram como ponto de partida uma amostra probabilística de Setores do Censo Demográfico de 1970, selecionados em cada uma das Regiões Administrativas da Guanabara, exceto Paquetá. O segundo passo consistiu da seleção probabilística de quarteirões dentro de cada setor e, em seguida, de domicílios dentro de cada quarteirão, segundo uma fração amostral determinada. Finalmente, utilizou-se uma rotina que garantisse igual probabilidade de seleção a cada um dos membros elegíveis do domicílio selecionado.¹

Um domicílio, ou uma unidade domiciliar, foi definido como uma construção habitada em caráter permanente por uma ou mais pessoas ou que, ainda que temporariamente vazia, se prestasse fundamentalmente à ocupação residencial. Exemplificam um domicílio uma casa, um apartamento, um quarto de pensão ou um quarto habitado pelo vigia de uma escola. Um domicílio, assim definido, foi considerado elegível caso (1) ali residissem uma ou mais pessoas em caráter permanente; (2) pelo menos uma das quais tivesse 18 anos de idade ou mais, e (3) pelo menos uma das quais trabalhasse. Em tal domicílio, a pessoa selecionada seria elegível para a entrevista caso tivesse entre 18 e 65 anos de idade, salvo "Outras Razões", tais como invali

(1) Leslie Kish, "A Procedure for Objective Respondent Selection within the Household", Journal of the American Statistical Association, 44, 1949, 380-387.

dez permanente. Em nenhuma hipótese foi permitida a substituição de domicílios ou de pessoas, limitando-se a quatro o número de tentativas de entrevista por domicílio.

Foram completadas 255 entrevistas ou 76,2% do total de 332 entrevistas previstas, não se registrando qualquer viés significativo dentre as 77 "não-respostas". Cabe ressaltar, conforme o Quadro A, a modesta proporção de 8% de recusas frontais à entrevista.

Quadro A

DESCRIÇÃO DO CAMPO

1. <u>Amostra Entrevistada</u>	2. <u>Razões da Não-Resposta</u>
Na 1 ^a tentativa: 50,2% (128)	Recusa no Contato Inicial : 15,6% (12)
Na 2 ^a tentativa: 31,0% (79)	Recusa Pessoa Seleccionada : 19,5% (15)
Na 3 ^a tentativa: 17,6% (45)	Pessoa Seleccionada Ausente: 19,5% (15)
Na 4 ^a tentativa: 1,3% (3)	Nenhuma Pessoa Elegível : 15,6% (12)
	Ninguém em Casa : 14,3% (11)
	Domicílio Vazio : 10,4% (8)
	Outras Razões : 5,1% (4)
<hr/>	<hr/>
Total: 100.0% (255)	Total: 100.0% (77)

A comparação entre a amostra e o universo, conforme definido pelo Censo Demográfico de 1970, resultou bastante satisfatória. O Quadro B apresenta os resultados para as distribuições de sexo e de idade. As discrepâncias observadas não invalidam a amostra selecionada. Cabe observar não ter sido possível excluir a população rural do Estado das distribuições descritivas do universo.

Quadro B

COMPARAÇÕES ENTRE AMOSTRA E UNIVERSO

<u>Sexo</u>	<u>Guanabara</u>	<u>Amostra</u>
Masculino	47,3%	41,2%
Feminino	52,6	58,8
<u>Idade</u>		
18-19 anos	6,8%	4,7%
20-24 "	16,1	14,9
25-29 "	13,3	12,5
30-34 "	12,6	10,9
35-39 "	12,1	12,5
40-44 "	11,3	10,2
45-49 "	8,9	10,6
50-54 "	7,2	7,8
55-59 "	5,8	6,3
60-64 "	4,6	6,7
65 "	0,8	2,7
<u>Total</u>	2.508.365	255

Dada a evidente variação na ocorrência e duração das atividades, sobretudo as atividades de lazer, ao longo das diferentes estações do ano, as entrevistas foram realizadas em meses tidos como de "transição" - de abril a junho de 1973. O total de entrevistas foi, tanto quanto possível, distribuído homogeneamente pelos 7 dias da semana. Para se garantir igual representação para cada um dos dias, o total de entrevistas realizadas foi ponderado em função daquele dia da semana que apresentou o maior número de casos. O Quadro C apresenta os montantes absoluto e relativo de entrevistas realizadas e a ponderação utilizada por cada dia da semana.

APÊNDICE II

A CODIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES-TEMPO

A entrevista sobre o uso das 24 horas do dia foi realizada através do Diário de Tempo. O quadro temporal foi o dia imediatamente anterior ao dia da entrevista, o dia base, e o Diário foi desenhado de forma a permitir o registro ininterrupto de todas as atividades empreendidas entre as 00:01 e as 24:00 do dia base. A razão deste procedimento, ao invés do preenchimento do Diário pelo próprio entrevistado, é o número de analfabetos incluídos na amostra. Além disto, o pré-teste do instrumento não detectou discrepâncias entre Diários resultantes de entrevista e do registro das atividades pelo próprio entrevistado. Os dados assim coletados foram classificados em 72 categorias de atividades diárias. Cada categoria define um campo composto pela (1) duração da atividade em minutos; (2) a hora de seu início; (3) qualquer outra atividade executada simultaneamente; (4) o local, e (5) as pessoas em cuja eventual companhia foi realizada a atividade em questão.

Este modelo de codificação é algo mais limitado do que aquele utilizado pelo Projeto Multinacional de Pesquisa de Orçamentos de Tempo, o qual registra 96 categorias diferentes de atividades diárias.¹ Não obstante, as categorias utilizadas neste e naquele projeto são rigorosamente comparáveis entre si.

As 72 categorias de atividades diárias foram inicialmente agregadas em 33 novas e mais abrangentes categorias. To-

(1) Para maiores detalhes, consulte-se o Avant-Projet de Codification Definitive pour l'Enquete Internationale sur Budget-Temps, Bruxelas: Instituto de Sociologia, Université Libre de Bruxelles, dezembro de 1964, mimeogr.

das as agregações aqui apresentadas foram realizadas no computador, utilizando-se as facilidades do Sistema OSIRIS II, desenvolvido pela Universidade de Michigan; isto significa que os dados das 72 categorias originais e de todas as agregações daí derivadas encontram-se gravados em fita. As 38 novas categorias e os seus componentes são os seguintes;

1. TRABALHO PRINCIPAL
 1. Trabalho regular remunerado, no expediente
2. TRABALHO EXTRA
 2. Trabalho extraordinário ou eventual e trabalho na ocupação secundária
 3. Reuniões no local de trabalho
3. PAUSAS NO TRABALHO
 4. Pausas e interrupções durante a jornada de trabalho, até o máximo de 15 minutos (cafezinhos, etc.)
4. VIAGEM PARA O TRABALHO
 5. Viagem de ida e volta para o trabalho
5. COZINHAR
 6. Preparação e cozimento de alimentos, inclusive fazer café e afins
6. LIMPEZA DA CASA
 7. Lavagem e arrumação da louça
 8. Arrumação da casa: varrer, etc.
 9. Limpeza do exterior da casa, remoção do lixo, etc.
7. CUIDAR DA ROUPA
 10. Lavar, passar e arrumar roupas
 11. Confecção de roupas para a família: costuras, tricot, etc.

12. Consertos de roupas para a família
8. COMPRAS DE ALIMENTOS
13. Compras de alimentos para o domicílio
9. JARDINAGEM
14. Jardinagem e cuidados de plantas e animais
10. OUTRAS COMPRAS
15. Compras de bens duráveis e afins
16. Serviços pessoais: barbeiro, etc.
17. Serviços médico-dentários
18. Serviços administrativos: bancos, etc.
19. Esperas e filas para compras
20. Esperas para atendimento em serviços
11. CONSERTOS EM CASA
21. Consertos diversos no domicílio: móveis, aparelhos elétricos, etc.
12. SUPERVISÃO DE TRABALHO DOMÉSTICO
22. Supervisão de trabalho doméstico, orientação de empregadas, etc.
23. Ajudar familiares no trabalho doméstico
13. CUIDAR DE CRIANÇAS
24. Cuidados com recém-nascidos: amamentar, trocar fraldas, etc.
25. Cuidados com crianças: alimentar, trocar de roupa, dar banho, etc, exceto supervisão e acompanhar crianças em transportes
14. SUPERVISÃO DE CRIANÇAS
26. Supervisionar deveres escolares
27. Conversar e brincar com crianças no lar: ler histórias, jogos, etc.

28. Passear com crianças e brincar ao ar livre, trabalhos manuais, etc.

15. CUIDADOS PESSOAIS

29. Higiene pessoal: escovar os dentes, pentear-se, etc, exceto banho

30. Banho

31. Vestir-se e trocar de roupa

16. REFEIÇÕES

32. Refeições em casa

33. Refeições em restaurantes

17. SONO

34. Sono

18. VIAGENS PESSOAIS

35. Viagens para compras

36. Viagens para serviços, inclusive educação

37. Viagens acompanhando crianças

38. Esperas de condução

19. VIAGENS PARA LAZER

39. Viagens para lazer, inclusive visitas

20. ESTUDOS

40. Frequência a cursos regulares

41. Frequência a cursos de extensão ou de aperfeiçoamento

42. Frequência a conferências, palestras, etc.

43. Estudar em casa ou em biblioteca

21. RELIGIÃO

44. Ir à igreja ou templo, rezar, etc.

22. ORGANIZAÇÕES
 45. Participação em reuniões de sindicatos, associações, etc.
23. RÁDIO
 46. Ouvir rádio
24. TELEVISÃO
 47. Assistir televisão
25. JORNAL
 48. Ler jornais
26. REVISTAS
 49. Ler revistas ou periódicos
27. LIVROS
 50. Ler livros, exceto quando estudando
28. CINEMA
 51. Ir ao cinema
29. VIDA SOCIAL DOMÉSTICA
 52. Visitar ou receber visitas de amigos e familiares, sem pre em domicílios
 53. Jogar cartas e similares, sempre em domicílios
30. VIDA SOCIAL EXTRA-DOMÉSTICA
 54. Frequência a clubes sociais, cocktails e recepções
 55. Ir a bar com amigos
 56. Dançar em clubes ou boites, ver shows, etc.
 57. Namorar
31. PRAIA
 58. Ir a praia

32. CONVERSAR

- 59. Conversar com familiares ou amigos
- 60. Conversar com terceiros, exceto em relações de trabalho

33. ESPORTES

- 61. Jogar futebol, basquete, etc.
- 62. Fazer ginástica em casa

34. AR LIVRE

- 63. Sair em excursões, picnics, etc.
- 64. Passear a pé, olhar vitrines, etc.

35. DIVERSÕES

- 65. Assistir competições esportivas e similares

36. EVENTOS CULTURAIS

- 66. Ir ao teatro, concertos, museus, etc.

37. DESCANSAR

- 67. Descansar: sem dormir
- 68. Ficar à janela e atividades similares

38. OUTRO LAZER

- 69. Ouvir discos ou fitas
- 70. Atividades artísticas: escrever, pintar, esculpir, tocar instrumentos ou compor música, etc.
- 71. Hobbies e trabalhos manuais: fotografia, eletrônica, carpintaria, etc.
- 72. Coleccionar coisas e passatempos similares

Estas 38 categorias foram novamente agregadas em 9
novas categorias de atividades diárias, como segue:

Data	N.º 140
IUPERJ - BIBLIOTECA	IUPERJ - BIBLIOTECA
N.º	Data 15.10.76

1. TRABALHO
 1. TRABALHO PRINCIPAL
 2. TRABALHO EXTRA
 3. PAUSAS NO TRABALHO
 4. VIAGEM PARA O TRABALHO

2. SERVIÇO DOMÉSTICO
 5. COZINHAR
 6. LIMPEZA DA CASA
 7. CUIDAR DA ROUPA
 8. COMPRAS DE ALIMENTOS

3. COMPRAS E AFINS
 9. JARDINAGEM
 10. OUTRAS COMPRAS
 11. CONSERTOS EM CASA
 12. SUPERVISÃO DE TRABALHO DOMÉSTICO

4. CUIDADO DE CRIANÇAS
 13. CUIDAR DE CRIANÇAS
 14. SUPERVISÃO DE CRIANÇAS

5. CUIDADOS PESSOAIS
 15. CUIDADOS PESSOAIS
 16. REFEIÇÕES
 17. SONO

6. VIAGENS PESSOAIS
 18. VIAGENS PESSOAIS
 19. VIAGENS PARA LAZER

7. ESTUDO E PARTICIPAÇÃO
 20. ESTUDOS
 21. RELIGIÃO

- 22. ORGANIZAÇÕES

- 8. COMUNICAÇÃO DE MASSA
 - 23. RÁDIO
 - 24. TELEVISÃO
 - 25. JORNAL
 - 26. REVISTAS
 - 27. LIVROS
 - 28. CINEMA

- 9. ATIVIDADES DE LAZER
 - 29. VIDA SOCIAL DOMÉSTICA
 - 30. VIDA SOCIAL EXTRA-DOMÉSTICA
 - 31. PRAIA
 - 32. CONVERSAR
 - 33. ESPORTES
 - 34. AR LIVRE
 - 35. DIVERSÕES
 - 36. EVENTOS CULTURAIIS
 - 37. DESCANSAR
 - 38. OUTRO LAZER

Finalmente, estas 9 categorias foram reunidas em 4 grandes grupos de atividades diárias: o tempo total gasto em trabalho, tarefas domésticas, necessidades pessoais e o total de tempo livre ou discricionário. Para determinados propósitos, criou-se também uma quinta categoria denominada "tempo total em viagens", agrupando todas as parcelas de tempo gastas em transportes, inclusive a viagem para o trabalho.

As 9 categorias foram agrupadas como segue:

1. TOTAL EM TRABALHO
 1. TRABALHO

2. TOTAL EM TAREFAS DOMÉSTICAS
 2. SERVIÇO DOMÉSTICO
 3. COMPRAS E AFINS
 4. CUIDADO DE CRIANÇAS

3. TOTAL EM NECESSIDADES PESSOAIS
 5. CUIDADOS PESSOAIS
 6. VIAGENS PESSOAIS

4. TOTAL DE TEMPO LIVRE
 7. ESTUDO E PARTICIPAÇÃO
 8. COMUNICAÇÃO DE MASSA
 9. ATIVIDADES DE LAZER

APÊNDICE III

TABELA DE CONVERSÃO DE HORAS EM MINUTOS

<u>Horas</u>	<u>Minutos</u>
1	60
2	120
3	180
4	240
5	300
6	360
7	420
8	480
9	540
10	600
11	660
12	720
13	780
14	840
15	900
16	960
17	1020
18	1080
19	1140
20	1200
21	1260
22	1320
23	1380
24	1440